

ARTIGO

Recebido em 07 de abril de 2022
Aprovado em 09 de julho de 2022

Estatuto de <y > nos antropónimos brasileiros

Status of <y > in Brazilian anthroponyms

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i2.51192>

Graça Rio-Torto

Professora Catedrática de Linguística da Universidade de Coimbra. Autora de numerosas publicações na área da Linguística. Atua na graduação e na Pós-graduação. Diretora do Doutorado em Linguística do Português.

E-mail: riotorto@fl.uc.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1525-0737>

RESUMO

Este artigo inscreve-se num estudo mais amplo sobre os antropónimos em uso no Brasil (Dicionário de Nomes em uso no Brasil, <https://dicionariodenomesdobrasil.com.br/>) e também em Portugal, e visa apurar em que medida o uso de <y>, em substituição de outro grafema, normalmente <i> ou <e>, é um fenómeno recente ou já antigo, e se o segmento <y> na fronteira direita de alguns nomes corresponde ou não a um novo operador sufixal. Para tal, foram selecionados aleatoriamente nomes femininos que contêm <y>, seja em posição interior, seja em posição final, tendo recorrido ao maior acervo disponível para o efeito, BRASIL, IBGE. NOMES NO BRASIL. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>. Foram selecionados nomes de maior e de menor popularidade, para averiguar em que medida esta se correlaciona, ou não, com a substituição de <i> ou <e> por <y>. Tecem-se algumas considerações sobre as motivações possíveis por esta apetência, com base em considerações já expandidas (Soledade 2020, 2022) e nas representações de falantes que optam por esta configuração. Esta alteração na grafia de prenomes brasileiros inscreve-se na crescente abertura para inovação que ocorre no século XX, dando continuidade à chamada revolução antropónimica que teve lugar no segundo quarto do século passado.

Palavras-Chave: Antroponímia. História do Português do Brasil. Mudança. Lexicografia. Lexicologia.

ABSTRACT

This article is part of a broader study on the anthroponyms in use in Brazil (Dictionary of Names in Use in Brazil, <https://dicionariodenomesdobrasil.com.br/>) and also in Portugal, and aims to know if the use of <y>, instead of final <i> / <e>, is a recent or an old phenomenon, and whether the segment <y> on the right border of some names corresponds or not to a new suffix. For this purpose, female names containing <y>, either in interior position or in final position, were randomly selected, within the largest collection available for this purpose, BRASIL, IBGE. NAMES IN BRAZIL. Available in: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>. Names of greater and lesser popularity were selected to ascertain to what extent their popularity rate is correlated, or not, with the substitution <i> of <e> or by <y>. Some considerations are made about the possible motivations for this tendency, based on knowledge already available (Soledade 2020, 2022) and on the representations of speakers who opt for this configuration. This change in the spelling of Brazilian prenomes is part of the growing openness to innovation that occurs in the twentieth century, continuing the so-called anthroponymic revolution that took place in the second quarter of the last century.

Keywords: Anthroponymy. History of Brazilian portuguese. Change. Lexicography. Lexicology.

Contextualização do uso de <y> nas convenções ortográficas do Brasil

Na história da ortografia brasileira, avultam textos legais incontornáveis para a compreensão das mudanças operadas na ortografia oficial do Brasil¹. Deles merece destaque o *Formulário Ortográfico de 1943*², aprovado em 12 de Agosto, que reúne o conjunto de instruções estabelecido pela Academia Brasileira de Letras para a organização do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* do mesmo ano. É este documento, com as alterações introduzidas pela Lei 5.765, de 18 de Dezembro de 1971, que rege a escrita do português brasileiro até 2009. Neste ano, entrou em vigor *O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), seja no Brasil, seja em Portugal.

Na língua portuguesa, a presença ou ausência de <y> anda quase sempre associada à presença ou ausência de <k> e de <w>. No *Formulário Ortográfico de 1943*, regista-se uma notória tendência para que os grafemas <k>, <w> e <y> apenas sejam usados em termos técnicos (km, W, w, Y, yd) e em estrangeirismos (ou seus derivados) cuja representação ortográfica original deva ser integralmente respeitada (*byroniano, taylorista*).

Quadro 1 – Formulário Ortográfico de 1943, II - K, W, Y

- 3 O *k* é substituído por *qu* antes de *e*, *i*, e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque, caqui; faquir, níquel*, etc.
- 4 Emprega-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K.* = potássio; *Kr.* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kW* = quilowatt; *kWh* = quilowatt-hora, etc.
- 5 Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano, kantismo, kepleriano, perkinismo*, etc.
- 6 O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche, talvegue, visigodo*, etc.
- 7 Como símbolo e abreviatura, usa-se em *kw* = quilowatt; *W.* = oeste ou tungstênio; *w* = watt;
- 8 Nos derivados vernáculos de nomes próprios estrangeiros, cumpre adotar as formas que estão em harmonia com a primitiva: *darwinismo, wagneriano, zwinglianista*, etc.
- 9 O *y*, que é substituído pelo *i*, ainda se emprega em abreviaturas e como símbolo de alguns termos técnicos e científicos: *Y* = ítrio; *yd* = jarda, etc.
- 10 Nos derivados de nomes próprios estrangeiros devem usar-se as formas que se acham de conformidade com a primitiva: *byroniano, maynardina, taylorista*, etc.

Fonte: Autora.

No *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990, o alfabeto da língua portuguesa é formado por vinte e seis letras, pelo que nele se incluem <k>, <w> e <y>. Na sua Base I, que versa sobre a ortografia dos NOMES PRÓPRIOS ESTRANGEIROS E SEUS DERIVADOS, preconiza-se que os grafemas <k>, <w> e <y> sejam adotados em circunstâncias não muito diversas das preconizadas em 1943, ou seja, em casos especiais que envolvem antropônimos e topônimos de origem estrangeira, preservando assim a sua matricial ortografia (*Byron, byroniano; Taylor, taylorista*) e em siglas, símbolos e palavras de curso internacional (*yd-jarda <yard>*).

¹ Não fazemos menção ao *Primeiro Acordo Ortográfico*, da iniciativa da Academia Brasileira de Letras, também aprovado pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1931 e publicado no Diário do Governo nº 120, I Série, de 25 de Maio, pois nunca foi posto em prática. A Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945 (ou Acordo Ortográfico de 1945), foi adotada em Portugal (Decreto n.º 35.228, Diário do Governo de 8-12-1945), mas não no Brasil, pois não foi ratificada pelo Congresso, pelo que os brasileiros continuaram a regular-se pela ortografia do *Formulário Ortográfico* de 1943.

² O *Formulário Ortográfico de 1943* tem origem no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, publicado em 1940 pela Academia das Ciências de Lisboa, e aprovado no Brasil em 29 de Janeiro de 1942.

Quadro 2 – Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990): BASE I: DO ALFABETO E DOS NOMES PRÓPRIOS ESTRANGEIROS E SEUS DERIVADOS

2 AS LETRAS K, WE Y USAM-SE NOS SEGUINTE CASOS ESPECIAIS:

A) EM ANTROPÓNIMOS/ANTROPÔNIMOS ORIGINÁRIOS DE OUTRAS LÍNGUAS E SEUS DERIVADOS: *FRANKLIN, FRANKLINIANO; KANT, KANTISMO; DARWIN, DARWINISMO; WAGNER, WAGNERIANO; BYRON, BYRONIANO; TAYLOR, TAYLORISTA;*

B) EM TOPÓNIMOS/TOPÔNIMOS ORIGINÁRIOS DE OUTRAS LÍNGUAS E SEUS DERIVADOS: *KWANZA, KUWAIT, KUWAITIANO; MALAWI, MALAWIANO;*

C) EM SIGLAS, SÍMBOLOS E MESMO EM PALAVRAS ADOTADAS COMO UNIDADES DE MEDIDA DE CURSO INTERNACIONAL: *TWA, KLM; K-POTÁSSIO (DE KALIUM), W-OESTE (WEST); KG-QUILOGRAMA, KM-QUILÓMETRO, KW-KILOWATT, YD-JARDA (YARD); WATT.*

Fonte: Autora.

Recorde-se que em Viana, 1909, p. XXXIII, o abecedário português exclui as letras <k>, <w> e <y>. Neste *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*, pág. XXIII, «XIV — Dá-se sempre a preferência à forma latina dos étimos, ainda que eles sejam gregos, fazendo-se apenas menção destes, em versaletes, que representam a transliteração, quando absolutamente faltarem as formas latinas correspondentes». Por isso nele se «Expunjem as letras dobradas que não acusam diferença de pronúncia, se proscreeve o <y> etimológico e se aboliram vários grupos grafemáticos com reminiscências etimologizantes, como <ch> (*monarchia*), <ph> (*pharmácia*), <rh> (*rhetórica*), <th> (*theatro*), tendo substituído <ch> por <qu/c>, <ph> por <f> e <y> por <i> (*filosofia, fisiologia*, por *philosophia, physiologia*).

Pelas palavras que se seguem, constata-se que a presença de <y> não é manifestamente bem acolhida pelo autor.

«Escusado, portanto, é procurar no Vocabulário, na esperança de os encontrar, despropósitos como *arroyo, alfayate, colyseu, kaleidoscópico, cautella* por *cautela, shah, chah* por *xá, sherif* por *xerife, matta* por *mata, hontem* por *ontem, discreção* por *discrição, espontâneo* por *espontâneo, strénuo* por *estrénuo, jurysprudência* por *jurisprudência*, etc.» (VIANA, 1909, pág. XVIII-XIX)

Por isso o autor assinala a contradição da Academia Brasileira que, convergindo no geral com os termos da reforma que Viana preconiza, aposta na permanência de <y> em antropónimos de origem tupi:

«[A Academia Brasileira] proscreeve o y etimológico, mas defende, sem a justificar, a sua conservação nos nomes próprios de origem tupi, o que é uma palpável contradição: porque, se é anacrônico reproduzir o y da ortografia latina, idioma que mais ou menos se estuda e se conhece, é absurdo mantê-lo como feição convencional e artificial de um idioma analfabético,

sem literatura e desconhecido da grandíssima maioria, senão quási totalidade, dos brasileiros». (VIANA, 1909, pág. XI).

Não vamos aqui comentar os termos depreciativos em que Viana se refere ao Tupi, pois teriam de ser situados no seu tempo e nas concepções do autor. Não deixa por isso de merecer destaque a posição da Academia Brasileira que, tão elitista em tantos momentos da sua longa trajetória, não fica indiferente à necessidade de preservar o <y> nos nomes próprios de origem tupi (cf. *Iara* ou *Yara*, *Iandara* ou *Yandara*, [fem.] *Kauane* (89 pessoas em 1980, 2326 em 1990 e 21.727 em 2000) ou *Kauany* (474 pessoas em 1990, 5806 pessoas em 2000, segundo pesquisa no censo2010.ibge.gov.br em 9 março 2022), *Mayara* ou *Maiara*, *Thaynara* ou *Taianara*), certamente com fundamentos que importará aprofundar.

Em suma: com o **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa** de 1990, os grafemas <k>, <w> e <y> podem ser legalmente utilizados na ortografia dos NOMES PRÓPRIOS ESTRANGEIROS E SEUS DERIVADOS. Mas a verdade é que desde há muito, como assinala Viana em 1909, o uso de tais grafemas era permitido e aplicado em casos especiais que envolvem antropônimos e topônimos de origem estrangeira.

As construções ortográficas ‘estilizadas’ nos antropônimos brasileiros

É grande a diversidade ortográfica registada nos antropônimos em uso no Brasil.

Em alguns casos, a variação gráfica (*Yasmim/Yasmin*) tem reflexos na estrutura fónica (*Yasmine, Yásmine*) e na estrutura mórfica e fónica do nome (*Camila, Camilia; Christiane, Christianna, Christiany; Frederic, Frederico; Paulo, Paulleth; Yasmim/Yasmin, Yasmine, Yasmini*). Coloca-se aqui um problema a questionar, relativo à unicidade ou pluralidade de entradas, sempre que a estrutura mórfica é afetada, nomeadamente, no seu índice temático (*Christiane, Christianna, Daniel(l)a, Daniel(l)e, Gabriella, Gabrielle*) e quando o seu índice temático pode escamotear a presença de um novo sufixo (*Franciely* face a *Franciele, Daniel(l)y* vs. *Daniel(l)a, Daniel(l)e*).

Souza e Prado (2021) operam com as seguintes três classes de ‘ortografia estilizada’ (cf. quadro seguinte).

Quadro 3 – Classes de ‘ortografia estilizada’ (com base em Souza e Prado, 2021)

Processos de ‘estilização’ ortográfica’	EXEMPLOS
Duplicação consonantal	<i>Felippe</i> face a <i>Felipe</i> <i>Gabriella</i> face a <i>Gabriela</i>
Inserção de grafemas	<i>Lectícia</i> face a <i>Letícia</i> <i>Nazareth</i> face a <i>Nazaré</i> <i>Nicholas</i> face a <i>Nicolas</i> <i>Thiago</i> face a <i>Tiago</i>
Troca de grafemas	<i>Nycolas</i> face a <i>Nicolas</i> <i>Samyra</i> face a <i>Samira</i>

Fonte: Autora.

Casos há em que vários processos coocorrem. Em *Kamille* (1970, ápice em 2000, com 1504 ocorrências) há duplicação consonantal e alteração de índice temático (de a > e) relativamente a *Camila* (anterior a 1930, com ápice em 1990, com 205.029 pessoas). Em *Lorrayne*, quando comparado com *Lorena*,

ocorre duplicação consonantal, alteração de índice temático (de a > e) e inserção de -y-, inexistente em *Lorena*.

Em posição interior, a presença de <y>, como em *Samyra*, não parece representar mais do que uma simples troca de grafemas com idêntico valor fônico no Português do Brasil.

Em posição final de palavras, a presença de <y> (*Carieli*, *Karieli*, *Kariely*, *Carlei*, *Carley*, *Karlei*, *Karley*, *Caroli*, *Caroly*, *Karoli*, *Karoly*), dada a proximidade com o sufixo -y de origem inglesa, coloca vários tipos de questões.

Antropónimos com <y> em posição interior, em substituição de <i>

Começamos por averiguar em que fase da história da língua se dá a emergência de <y> no interior de nomes antroponímicos brasileiros.

O exemplo de **Aline**, **Alinne**, **Alyne** e de **Alissa** e **Alyssa** são paradigmáticos do panorama de denominação antroponímica no Brasil do século XX. Os dados são extraídos de pesquisa feita em 16-03-2022, em <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes>.

Alissa é nome já registado em 1930 (20 pessoas), que acusa uma subida a partir de 1980 (89 pessoas), 1990 (373 pessoas) até 2000 (899 pessoas). A variante **Alyssa** (popularidade: 7.655°) tem a sua primeira abonação em 1980 (25 pessoas), com um valor idêntico ao de Alissa em 1930, e que ascende sempre até ao presente: 1990 (110 pessoas) e 2000 (347 pessoas).

Quadro 4 – Ocorrências de **Alissa** e **Alyssa** ao longo dos tempos no Brasil

Nome e índice de popularidade	Década	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Alissa 3.519°		20	20	20	20	22	89	373	899
Alyssa 7.655°							25	110	347

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Também em relação a **Aline** (segundo Guérios, 1973, abreviatura francesa de *Adeline*), nome já abonado antes de 1930, e que não cessa de crescer a partir da década de 1970, as variantes gráficas com duplicação consonantal (**Alinne**) e com troca de grafema (<i> → <y>), em **Alyne**, são mais recentes que a matriz **Aline**, já abonada antes de 1930, e com crescimento acentuado sobretudo a partir da década de 1970 (26.406) até 1990 (210.918 pessoas), e decréscimo de então para cá (74.973 pessoas)

As variantes mais jovens emergem na década de 1970, tendo o seu apogeu nos anos 80 e 90, e um declínio de então para cá. A representação com duplicação consonantal (**Alinne**) é **menos selecionada** (1970, com 68 pessoas, 1980, com 534 pessoas, e decréscimo até 2000, com 276 pessoas) que a que integra <y>**Alyne**, a qual tem preferência acrescida, nas décadas de 1970 (152 pessoas) e 1980 (812 pessoas), e

decréscimo em 2000, com 362 pessoas. Curiosamente, de 1990 para 2000 ambas as variantes acusam alguma desvalorização na ordem das opções preferenciais, talvez pelo desprestígio que se vem associando a nomes em <y>.

A formulação mais antiga e matricial, **Aline**, já documentada antes de 30 (265 pessoas), regista forte subida de 1970 a 1990, e tem o seu auge em 1990 (210.918 pessoas), acusando decréscimo até 2000, com 74.973 pessoas.

Quadro 5 – Ocorrências de **Aline**, **Alinne**, **Alyne** ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Aline 10°	265	445	608	965	2.948	26.406	192.341	210.918	74.973
Alinne 3.632°						68	534	498	276
Alyne 2.632°						152	812	802	362

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

A forma **Alice** data de antes de 1930 (Guérios situa-a nos séculos XVI e XVII), com 9.148, regista uma subida em 1940, com 19.872 e uma subsequente descida até 1970, com 9.957, a que se segue de novo um crescendo, desde 1980 até 2000, com 61.038). As variantes, seja com duplicação consonantal (**Allice**), seja com substituição de <i> por <y> (**Alyce** e **Allyce**, esta apenas configurada em 2000) são mais jovens no tempo e bem menos representadas, se bem que tenham registado um acréscimo significativo de 1990 para 2000. O quadro seguinte ilustra esta realidade. Uma vez mais, as configurações com <y> são bastante apelativas para os progenitores brasileiros.

Quadro 6 – Ocorrências de **Alice**, **Allice**, **Alyce** e **Allyce** ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Alice 88°	9.148	16.121	19.872	18.476	14.900	9.957	13.230	28.688	61.038
Allice 14.091°								39	149
Alyce 8.879°								60	323
Allyce 21.464°									95

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

A situação de **Alicia**, **Alissia Alicia**, **Alycia** e **Aliycya** é bastante semelhante à de Alice, Allice, Alyce e Allyce.

A configuração mais antiga e mais consistentemente representada é **Alicia** (segundo Guérios, versão espanhola e italiana de Alice), abonada antes de 1930, e tendo registado subida incessante a partir de 1990

(5079 pessoas) até 2000 (14.294 pessoas). As demais variantes são recentes, tendo começado a surgir nos anos 90: **Alicya**, a partir de 1990 (33 pessoas), com subida até 2000 (199 pessoas); **Alissia**, a partir de 1990 (52 pessoas, com auge em 2000 (184 pessoas)); e **Alycia**, a partir de 1990 (53 pessoas), com crescendo até 2000 (249 pessoas).

Quadro 7 – Ocorrências de **Alicia**, **Alissia**, **Alycia** e **Alycyca** ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Nome e índice de popularidade									
Alicia 522°	275	505	636	608	561	450	734	5079	14.294
Alissia 12.006°								52	184
Alycia 10.626°								53	249
Alicya 12.995°								33	199

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Os nomes em análise são antropónimos cujas estruturas lexicais são comuns a nomes antigos na língua, como *Alice*, *Aline* e até mesmo *Alissa* e *Alicia*, abonados no IBGE pelos anos 30 do século anterior, e alguns são nomes corradicais de antropónimos que gozam de grande popularidade, como **Aline**, com popularidade 10° e **Alice**, com popularidade 88°.

A variante com <y> é sempre posterior à homóloga sem <y>, começando a ocorrer nas décadas de 70, 80 e 90 do século passado, ou mesmo em 2000, como *Allyce*, e é sempre bem menos popular que a matricial, como se sintetiza no quadro seguinte. A presença de <y> não parece obedecer a nenhum critério etimológico, podendo haver interferência linguística com o inglês *Alycia*, nome muito usado no universo anglófilo e por personalidades influentes na cultura de massas globalizada dos tempos em que vivemos. A variante *Alicya* parece uma singularidade sem motivação linguística, pois não corresponde a terminação ou sufixo conhecido. A variante com duplicação de consoante, *Allyce*, é a mais recente, e o recurso adotado parece buscar um efeito diferenciador, face à construção mais antiga e mais simples *Alice*.

Quadro 8 – Síntese dos nomes analisados, datas de 1ª ocorrência e índices de popularidade

Nome	1ª ocorrência	Índice de popularidade	Nome	1ª ocorrência	Índice de popularidade
Aline	1930	10°	Alyne	1970	2.632°
Alice	<1930	88°	Alyce	1990	8.879°
			Allyce	2000	21.464°
Alicia	<1930	522°	Alycia	1990	10.626°
			Alicya	1990	12.995°
Alissa	1930	3.519°	Alyssa	1980	7.655°

Fonte: Autora.

Antropónimos com <y> na fronteira direita da palavra

Nesta secção, vamos analisar as construções antroponímicas que envolvem a presença de <y> na fronteira direita da palavra, com o intuito de averiguar se se trata, ou não, de um vestígio da influência inglesa, língua cujo poder de influência sobre o português do Brasil é amplamente conhecido (cf. *blecaute* < *black-out*, *coquetel* < *cocktail*, *deletar* < *delete*, *flerte* < *flirt*, *gol* < *goal*, *time* < *team*), e que possui o sufixo diminutivo -y, o qual forma nomes comuns (*granny* < *gran*), *lovey* < *love*, *pinny* < *pin*, *tummy* < *tum*) e nomes próprios (*Billy* < *Bill*, *Johnny* < *John*), muitos dos quais com valor diminutivo-hipocorístico (*Martha* > *Marty*) e com truncção (*Nathaniel* > *Natty*), adjetivos com valor aproximativo (*bluey*, azulado, quase *blue* ‘azul’) e ainda nomes como *candidacy*. Não nos ocuparemos destes dois últimos. O sufixo -ly forma advérbios a partir de adjetivos (*cowardly*, *publicly*, *secondly*) e de nomes (*daily*, *lovely*). Embora a fronteira direita de muitos dos antropónimos brasileiros contenham <ly>, como *Amabilly*, *Isabelly*, a presença de dois <ll> ocorre não apenas antes de <y>, mas também antes de <i/e> (*Isabelle*, *Isabelli*). Assim, não havendo no português do Brasil nenhuma regra que imponha, como em inglês, a duplicação de consoante antes da adjunção de <y>, assumimos que <ly> não é um sufixo, mas antes a combinatória de <l>, às vezes já presente nas bases, a solo ou em duplicado, e de <y>: *Amabili*, *Amabily*, *Amabilly*, *Isabelli*, *Isabelly*. Assim, em *Amabily*, *Amabilly*, apenas ocorre duplicação de consoantes <ll>. Em *Isabelli* e *Isabelly* tem lugar a substituição de <i> final por <y>.

As hipóteses que se colocam são: o modelo inglês (ADAMS 1977, PLAG 2003, LIEBER 2005) de *Bill* e *Billy*, *Jim* e *Jimmy*, *Ted* e *Teddy* terá sido adotado no Brasil, com regras idênticas às do inglês, ou a presença de <y> na fronteira direita da palavra nada tem a ver com este padrão? Trata-se antes de um efeito diferenciador, ornamental para quem o seleciona, com conotação internacional, que motiva a opção por <y>?

Alguns antropónimos terminados em <y> já são muito antigos nas bases de dados especializadas do Brasil, pelo que em tais casos terão sido transferidos da língua fonte, o inglês, para o português do Brasil. Um nome tão comum em inglês quanto **Anthony**, encontra-se abonado na base de dados do IBGE desde 1940 (com 43 ocorrências, e em crescendo até 2000, com 4.627 ocorrências). A sua popularidade é de 1.051°. Nada comparada com **Antonio**, atestado no IBGE antes de 1930, com 60.397 ocorrências, 530.320 em 1960, e decréscimo até ao presente (122.028), ocupando em termos de popularidade o 3º lugar. Também **Mary** se encontra registado no acervo do IBGE, antes mesmo de 1930 (224 ocorrências), ápice nos anos 60 (3.844), e 1.403 registos em 2000 (popularidade 652º). **Maria** ocupa o primeiro lugar de popularidade (1º), estando abonado no IBGE antes de 1930 (334.948), com ápice nos anos 50 e 60, e 1.105.524 em 2000.

Vamos analisar algumas das configurações que incluem esta ortografia e, com a ajuda da análise das motivações que estão na base da sua seleção (secção 3), extraímos em 4. as conclusões possíveis.

A maior parte dos nomes aqui analisados com <y> na fronteira direita são nomes gramaticalmente femininos (doravante FEM). Apenas um é predominantemente masculino (doravante MASC). No IBGE, os nomes estão subcategorizados apenas em duas classes, a de nomes de pessoas do ‘sexo feminino’ e a de nomes de pessoas do ‘sexo masculino’, o que vai ao encontro da tradição de não-binariedade dominante nos acervos e registos em que o IBGE se escora. Não obstante as limitações dessa dicotomia, optamos por usar as classes de FEM e de MASC para os nomes de pessoas do ‘sexo feminino’ e para pessoas do ‘sexo

masculino’, em conformidade com o facto de serem essas as classes gramaticais usadas para denotar, por exemplo, «o Carli/Franciele», «a Carli/ Franciele».

Embora em alguns casos o mesmo antropónimo possa ser usado no Brasil para denotar o FEM e o MASC, apenas analisaremos aqui os dados relativos ao universo FEM, por neles ser o mais representativo.

(1) Amable, Amabli, Amabile, Amabili, Amabila, Amabily, Amabilly

Diferenciamos os nomes em <ble> e variantes <bli> e <bly>, para comparar com os que possuem o mesmo radical, mas terminam em <bile>, <bili>, <bily> e <billy>.

Os nomes em <ble> e em <bli> estão representados desde a década de 1930, mas o número de ocorrências é sempre baixo (< 71 e <49, respetivamente). Os nomes em <bly> nem se encontram cartografados, por terem frequência não maior ou igual a 20 para o total Brasil.

Quadro 9 – Ocorrências de Amable, Amabli, Amably ao longo dos tempos no Brasil

Década \ Nome e índice de opularidade	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Amable 16.056°	-	21	22	23	24	25	26	27	71
Amabli 22.952°	-	27	30	33	36	39	42	45	49
Amably 59.252°	não disponível (nome cuja frequência não é maior ou igual a 20 para o total Brasil)								

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Os nomes **Amabile** (segundo Guérios, do italiano *Amabile*) e **Amabili** são algo mais antigos, estando regularmente representados antes de 1930, e a sua ocorrência é globalmente superior à dos nomes *Amable* e *Amabli* (aqui exploram-se os 1891 casos de nomes FEM, e não os 20 MASC abonadas na base de dados). A variante *Amabila* tem vida curta, pois só se encontra abonada na década de 1990, não tendo sido mais recrutada. As variantes mais tradicionais, em <bile> e <bili>, são as mais longevas: *Amabile* está sempre mais representado que *Amabili* (832 registos), assim sendo até hoje (1289 registos). Ambos sofreram decréscimo até 1970 (*Amabile*: 103 nascidos; *Amabili*: 47 nascidos), mas de 1980 até ao presente a sua representatividade não tem parado de crescer. As variantes com <bily> e <billy> são recentes, tendo surgido ambas na década de 1990; presentemente *Amabily* tem 265 ocorrências e *Amabilly* conta com 156 (índice de popularidade de 14962°).

Quadro 10 – Ocorrências de FEM: Amabile, Amabili, Amabily, Amabilly, Amabila ao longo dos tempos no Brasil

Década \ Nome e índice de popularidade	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Amabile 1.744°	442	450	352	244	150	103	255	684	1289

Amabili 2.884°	148	137	100	72	60	47	118	377	832
Amabily 9.393°								75	265
Amabilly 14.962°								31	156
Amabila								29	

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Pelos dados coletados, os nomes em <y> são inovações recentes, mas escassamente acolhidos pelas comunidades onde há muito se instalaram as variantes mais tradicionais, e que pontificam nos estados do Sul (Santa Catarina e, em menor escala, São Paulo). A influência italiana não deve ser despicienda na configuração destes nomes ³.

As motivações distintivistas, associativistas ou ornamentalistas que certas configurações evocam não foram suficientes para estas variantes avultarem.

(2) Carli (FEM) e Carly (FEM)

Os nomes FEM **Carli** e **Carly** ⁴ (não abonados por Guérios) estão registados há muito, mais precisamente desde as décadas de 1930, com 42 e 21 ocorrências, respetivamente. **Carly** teve o seu auge em 1949 (32 registos), tendo continuado a ser usado com valores de entre 25 e 38, até à década de 1990, altura em que foi descontinuado. A sua popularidade situa-se no 13.605° (FEM). **Carli** teve o seu ápice em 1960 (101 casos), estando ainda hoje em uso mais mitigado (28 casos). A sua popularidade situa-se no 7.163° (FEM).

Ambos os antropónimos são usados exclusivamente em dois estados — Rio de Janeiro e Espírito Santo —, sendo a sua taxa por 100 mil pessoas de 1,05 (RJ) e 2,99 (ES), para *Carli*, e de 0,94 (ES) e 0,46 (RJ) para *Carly*.

Os quadros 10 e 11 ilustram a realidade em jogo.

Quadro 11 – Carli e Carly

Dados extraídos de censo2010.ibge.gov.br	CARLI	CARLY
Número total de registos	893: 535 FEM, 258 MASC	288: 219 FEM, 69 MASC
Ápice do número de registos	1960	1940

³ Cf. comentários sobre os nomes Amábile, extraídos (17-02-2022) de site brasileiro, e com respeito pelas grafias dos autores (<http://oblogdosnomes.blogspot.com/2015/09/amabile.html>):

. «**Helen**, 18 de fevereiro de 2018 21:59 Amabile é um nome que muito me encanta. A primeira vez que ouvi ele foi em uma sala de aula. Era o nome de uma professora. Achei lindo e diferente e o apelido Mabi o torna ainda mais primoroso. Eu cogitaria sim para batizar uma filha especialmente por não ser um nome da moda».

. «**Unknown**, 22 de outubro de 2018 17:07 Coloquei esse nome em minha filha não somente por descendência, pois minha avó materna se chamava Amábile Bazoni Techera, mas pq quando ela nasceu ele traduzia tudo em seu olhar!!!»

. «**Anônimo**, 3 de dezembro de 2018 21:30 Meu nome é Amábile e gosto muito dele pq esse era o nome da Madre Paulina antes de ela viram freira e sou muito amorosa com as outras pessoas e quando eu vi que o significado do meu nome fiquei enprecionada. [por *impressionada*]»

. «**Nah**, 7 de fevereiro de 2021 21:50 Prefiro muito mais Amábile do que Amanda. Orgulho demais da minha nona Amábile que veio da Itália !!!»

⁴ *Carly* funciona como FEM e também como MASC, apenas em 69 casos; *Carli* funciona como MASC desde 1940 (24 ocorrências), com subida até 1960 (62 ocorrências), descida até 1980 (35 registos), e igualmente circunscrito aos estados de Rio de Janeiro e de Espírito Santo.

Data primeiro registro	1930	1930
Popularidade	9.769° (total), 7.163° (FEM) 10.194°(MASC)	20.119° (total), 13.605° (FEM), 26.266°(MASC)
Variante(s) Gráfica(s)	Carly, Karli, Karly	Karly, Carli, Karli

Fonte: Autora, adaptado de <https://dicionariodenomesdobrasil.com.br/>.

Quadro 12 – Ocorrências de Carli (FEM) e Carly (FEM) ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Nome e índice de popularidade									
Carli 7.163°		42	79	85	101	63	86	42	28
Carly 13.605°		21	32	27	25	26	27	28	

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Este par de antropónimos revela que a presença de <y> na fronteira direita dos nomes não é exclusivamente recente, embora o seja predominantemente, pois em alguns casos recua aos anos 30 do século anterior. Nenhuma destas grafias figura em Guérios, nem na edição de 1949, nem na de 1973. Estes nomes também não ocorrem na *Antroponímia Portuguesa* (1928), de Leite de Vasconcelos, pelo que se trata por certo de uma inovação brasileira, a que não deverá ser estranha a influência americana e/ou italiana, dada a concentração destes dois nomes nos estados de Espírito Santo e do RJ.

A consulta do *Arquivo Público do Estado do Espírito Santo* (<https://imigrantes.es.gov.br/>) revela a existência do sobrenome CARLI em várias cidadãs e em alguns cidadãos de origem italiana, em 1895 (Teresa Carli, Rosário Carli), 1896 (Giovanni Carli, Rosário Carli) e em 1898 (Cesare Carli). Para o Nome ou Sobrenome CARLY não estão abonadas atestações, nesta fonte.

Como no *Formulário Ortográfico* de 1943, a presença de <y> apenas era consentida em nomes de origem estrangeira, pode o nome *Carly* ter origem e motivação internacional, dada a sua presença na língua inglesa, e/ou ser prenúncio de um padrão que viria a assumir algum destaque na antroponímia brasileira.

É conhecida a influência que nomes internacionalmente famosos, de personalidades de relevo mundial ou sectorial, têm no processo de seleção de antropónimos por parte de progenitores mais suscetíveis ao peso de mitologias e de estereótipos. Na década de 1940, nasce Carly Simon, cantora e compositora norte-americana, muito conhecida mundialmente, e cujo nome foi muito inspirador em todo o planeta.

(3) Ocorrências de FEM: Daniela, Daniella, Daniele, Danielle, Danielly, Daniely

Como o quadro seguinte deixa ver, o nome *Daniela* (não abonado por Guérios) que surge na base do IBGE antes de 1930, é um nome muito popular no Brasil (42° lugar) e tem a sua fase de apogeu nos anos 80 e 90 do século XX. A variante *Daniele* é igualmente antiga (abonada desde os anos 30), com ápice também nos anos 80, mas um pouco menos popular (índice 56°).

As variantes com duplicação de consoante, sejam **Daniella** ou **Danielle** surgem em meados do século (anos 50 ou 60), e têm os seus picos de ocorrências na década de 80. Em todo o caso, as taxas de popularidade são baixas, sendo a de Daniella (1.057°) bem mais diminuta que a de Danielle (394°).

Danieli surge nos anos 60, ascendendo até à década de 90, para depois decair para quase metade, nos anos 2000. É muito usado nos estados de Paraná e Santa Catarina e, em menor volume, nos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

As variantes com <y> são **Danielly** e **Daniely**, ambas abonadas a partir da década de 1970, com ápice em 2000, e em 1990, respetivamente, e níveis de popularidade baixos, de 1.146° e 1.402°. Os estados onde estão mais representados são muito variados, mas avultam Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul (para *Daniely*), São Paulo e Goiás (estes para *Danielly*).

Quadro 13 – Ocorrências de Daniela, Daniella, Daniele, Danielle, Danielly, Daniely ao longo dos tempos no Brasil

Década \ Nome e índice de popularidade	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Daniela 42°	43	83	142	369	2.582	52.794	112.553	95.030	39.319
Daniella 1.057°					155	1.726	2.650	2.306	1.298
Daniele 56°		23	46	124	911	20.636	97.275	86.039	46.398
Danielle 394°				32	324	5.237	15.235	10.105	4.853
Danieli 341°					109	2450	14.116	15.772	9.681
Danielly 1.146°						294	1.688	2.424	2.781
Daniely 1.402°						273	298	1.973	1.861

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

(4) Franciele (FEM), Franciely (FEM) e Francyle (FEM)

Franciele, **Francyle** e **Franciely** (não abonados por Guérios) começam a surgir apenas na segunda metade do século XX. Segundo o IBGE, as variantes gráficas são *Francele*, *Francile*, *Franciale*, *Francielhe*, *Franciole*, *Francoele*, *Francuele*, *Francle*, *Frankle*, *Frankele*, *Frankiele*, *Frankile*. Estão abonados 670 MASC *Franciele*, 26 MASC *Franciely* e Ø MASC *Francyle*.

Como o quadro seguinte ilustra, o nome **Franciele**, aplicado a mulheres, tem elevada popularidade, não obstante ter apenas começado a ser adotado nos anos 50. Tem seu auge na década de 1990, com 58.397 ocorrências, a que se segue algum decréscimo em 2000 (24.363 casos). A variante **Francyle** é escassamente usada, e apenas nos últimos quarenta anos, ocupando um lugar muito baixo na popularidade (13.672°). Já a variante **Franciely** (abonada a partir de 1970, com 42 casos, auge em 1990, com 1798 ocorrências e algum declínio em 2000, com 1230 ocorrências), goza de menor popularidade (1.803° lugar).

Quadro 14 – Ocorrências de Franciele (FEM), Franciely (FEM) e Francyele (FEM) ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Nome e índice de popularidade									
Franciele 146°				30	116	1.107	58.397	24.045	24.363
Francyele 13.672°							38	118	60
Franciely 1.803°						42	689	1.798	1.230

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

(5) MASC: Geovane, Geovanni, Geovanny, Geovany

A trajetória dos nomes MASC. **Geovane, Geovanni, Geovanny, Geovany** ao longo dos dois últimos séculos é convergente com as tendências que se vêm desenhando para antropônimos de presença já relativamente remota no Brasil.

Geovane recua a antes de 1930 (não abonado por Guérios), subindo incessantemente até 1990, em que é atribuído a 24.045 pessoas, decaindo posteriormente. **Geovanni** remonta a 1930, e tem um percurso crescente até 2000, com 689 ocorrências. **Geovany** tem a sua primeira abonação em 1960 (53 ocorrências), subindo até 1990 com 305, e depois decaindo um pouco. **Geovanny** começa a ser adotado em 1970 (47 casos), subindo em 1980, com 305 casos, e em 2000 foi usado em 250 registros. Nenhuma das variantes com <y> (*Geovany* e *Geovanny*) são FEM. *Geovane, Geovanni, Geovanny, Geovany* não ocorrem como sobrenomes no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, projeto *Imigrantes Espírito Santo* (<https://imigrantes.es.gov.br/>), mas a sua maior taxa de frequência é neste estado. Sendo *Giovani* um antropônimo italiano, é bem possível que a configuração **Geovane** tenha origem nesta fonte, dado o volumoso universo de emigrantes italianos no Brasil desde o século XVIII.

Quadro 15 – Ocorrências de Geovane, Geovanni, Geovanny, Geovany ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Nome e índice de popularidade									
Geovane 200°	34	145	294	814	3.681	8.497	14.863	24.045	13.062
Geovanni 2.366°		21	24	30	123	227	330	587	689
Geovany 4.267°					53	94	127	305	263
Geovanny 6.674°						47	305	131	250

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

(6) Isabel, Isabele, Isabella, Isabelli e Isabelly

Como os dois quadros seguintes atestam, o antropónimo FEM **Isabel** (segundo Guérios, versão portuguesa e espanhola de *Elisabete*) é muito popular no Brasil (6º lugar), e encontra-se abonado antes de 1930. Teve o seu apogeu na década de 1960 (53.055 ocorrências), tendo decaído na preferência dos brasileiros nas décadas seguintes, nas quais foi preterido por **Isabele**, sobretudo na década de 2000 (50.387 casos). **Isabelle** começa a surgir na década de 1960, com 92 ocorrências, subindo a partir de 1980 até 2000 com 14.410 casos. Está muito representado nos estados de Rio de Janeiro e de São Paulo. **Isabelli** (São Paulo) e **Isabelly** surgem nos anos 1970, com 24, subindo a partir de 1980 até 2000, tendo sido atribuídos a 4.503 e 10.514 pessoas, respetivamente. A variante com <y> tem maior popularidade que a de <i> (*Isabelly* 809º lugar vs. *Isabelli* 1.368º lugar), estando próxima da de *Isabelle* (560º Lugar), o que atesta o prestígio que <y> carrega para os falantes que o adotam nos nomes de descendentes.

Quadro 16 – Ocorrências de Isabel, Isabele, Isabella, Isabelli e Isabelly ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Nome e índice de popularidade									
Isabel 60º	8798	15.426	22.662	36.330	53.055	39.997	26.063	16.493	20.095
Isabele 234º	24	51	59	56	167	604	2.802	12.459	50.387
Isabelle 560º					92	316	1.208	5.018	14.410
Isabelli 1.368º						36	185	915	4.503
Isabelly 809º						24	134	986	10.514

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Quadro 17 – Isabelle e Isabelly em <https://dicionariodenomesdobrasil.com.br/>

	Isabelle (FEM e MASC)	Isabelly (FEM e MASC)
Número total de registros	21.144: 21.071 FEM, 73 MASC	11.704: 11.661 FEM, 43 MASC
Data primeiro registro	1930	1940
Ápice do número de registros	2000	2000
Popularidade	1.001º Disseminado por todo o Brasil	1.495º Disseminado por todo o Brasil
Variante(s) Gráfica(s)	não encontrado	não encontrado

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

(7) Renale (FEM) e Renaly (FEM)

Dos dois nomes em pauta, não há registo de MASC nem para *Renale*, nem para *Renaly*. Os nomes aplicam-se, pois, exclusivamente a mulheres, sendo marcados como FEM. Ambos estão abonados apenas a partir da década de 1980, e com valores muito baixos: *Renale* em 1980, com 22 casos, subindo até 2000, com 113, e popularidade 14.094º; *Renaly* em 1980, com 41 casos, subindo até 2000, com 245 casos; a popularidade de *Renaly* é quase o dobro (7.441º) da de *Renale*. Estes antropónimos, que no IBGE estão relacionados com *Renar*, *Renara*, *Renaria*, *Renario* e *Renalva*, encontram-se predominantemente abonados nos

estados nordestinos da Paraíba e de Pernambuco, e no de Rondônia. *Renale* tem uma frequência de 4.12 por cem mil, na Paraíba e de 0,23 por cem mil em Pernambuco e *Renaly* de 11,07 e 0,31 por cem mil pessoas, respectivamente nos estados da Paraíba e de Pernambuco, e de 0,51 por cem mil pessoas no de Rondônia.

Este é o único par em que o nome com <y> tem mais popularidade que o homólogo com <e>.

Quadro 18 – Ocorrências de *Renale* e *Renaly* ao longo dos tempos no Brasil

Década	<1930	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Nome e índice de popularidade									
<i>Renale</i> 14.094°							22	71	113
<i>Renaly</i> 7.441°							41	219	245

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Síntese

Nos antropónimos brasileiros, a presença de <y> na fronteira direita da palavra não obedece ao padrão derivacional que rege a adjunção do diminutivo-hipocorístico -y em língua inglesa. Neste idioma, o primitivo valor hipocorístico e diminutivo de -y evoluiu no sentido de este sufixo passar a ser usado como especificamente antroponímico, dando origem a nomes que, face à sua base, contêm uma nova sílaba. Assim não acontece nos antropónimos brasileiros. A presença de <y> em nada altera a estrutura acentual ou silábica da base (cf. quadro seguinte). Nestes, <y> substitui <i> ou <e> finais, não se comportando, portanto, como um sufixo, mas como um diferenciador gráfico.

Quadro 19 – Estatuto de -y e de <y> em antropónimos do inglês e do português do Brasil

Sufixo -y em inglês e estrutura das 2 sílabas finais		<y> em português do Brasil e estrutura da sílaba final	
X sílaba: VC	X+1 sílaba: V-C	X sílaba: CV	X sílaba: CV
Bill	Billy	Amabili	Amabily
Jim	Jimmy	Amabli	Amably
Ted	Teddy	Carli	Carly
		Daniele	Daniely
		Franciele	Franciely
		Geovanni	Geovanny
		Isabelli	Isabelly
		Renale	Renaly

Fonte: Autora.

Salvo casos raros, que certamente têm origem, padrão ou motivação ítalo-inglesa, como *Carly*, configurações como *Renaly* são criações recentes e inovadoras.

O caráter recente e inovador atesta-se quer em final de palavra, quer no interior desta. (quadros 20 — que reproduz, de novo, o quadro 8 — e 21).

Quadro 20 – Síntese dos nomes analisados em 2.1, datas de 1ª ocorrência e índices de popularidade

Nome	1ª ocorrência	Índice de popularidade	Nome	1ª ocorrência	Índice de popularidade
Aline	1930	10°	Alyne	1970	2.632°
Alice	<1930	88°	Alyce Allyce	1990 2000	8.879° 21.464°
Alicia	<1930	522°	Alycia Alicya	1990 1990	10.626° 12.995°
Alissa	1930	3.519°	Alyssa	1980	7.655°

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Quadro 21 – Síntese dos nomes analisados em 2.2, datas de 1ª ocorrência e índices de popularidade

Nome	1ª ocorrência	Índice de popularidade	Nome	1ª ocorrência	Índice de popularidade
Carli	1930	7.163°	Carly	1930	13.605°
Daniela	<1930	42°	Daniely	1970	1.402°
Daniele	1930	56°	Danielly	1970	1.146°
Danielle	1970	394°			
Danieli	1960	341°			
Franciele	1950	146°	Franciely	1970	1.803°
Geovanni	1930	2.366°	Geovany Geovanny	1960 1970	4.267° 6.674°
Isabel	<1930	60°	Isabelly	1970	809°
Isabelle	1960	560°			
Isabelli	1970	1.368°			
Renale	1980	14.094°	Renaly	1980	7.441°
Amabili	<1930	2.884°	Amabily Amabilly	1990 1990	9.393° 14.962°
Amable	1930	16.056°	Amably	?	Frequência ≤ 20
Amabli	1930	22.952°			

Fonte: Autora, adaptado de censo2010.ibge.gov.br.

Representações associadas aos antropónimos em <y>

A presença de <y> em antropónimos brasileiros é objeto de posições contrárias por parte dos cidadãos que se pronunciam nas redes sociais a respeito do tema: da apreciação à depreciação, da percepção de uma mais valia encarecedora ou de uma menos valia, desprestigiante e ‘brega’, ambas as representações coexistem no espaço temporal que remonta a 2015.

São exemplo de posições contrárias à presença de <y> em antropónimos, por serem desprestigiantes e reflexo de falta de estatuto cultural dos progenitores os seguintes testemunhos, recolhidos nos comentários a *Nomes terminados com LLY, Y: estão fora de moda e são bregas* (<https://brasil.babycenter.com/thread/1181461/nomes-terminados-com-lly-y-est%C3%A3o-fora-de-moda-e-s%C3%A3o-bregas>, Acesso em 15-03-2022):

- (1) <y> é considerado obsoleto, fora de moda, e algo supérfluo, contrário à simplificação preferencial dos tempos mais modernos:

«As mães de meninas vêm escolhendo nomes simples e se inspirando na beleza de atrizes e personagens da TV. Estão saíndo de moda nomes terminados em "y", como *Isabelly*, *Emanuelly*, *Gabrielly* e *Emilly*. Com isso, mesmo sendo a letra Y não mais utilizada em

palavras brasileiras, aparecem em destaque nomes como Anthony, Emanuely». (Kemires 30/01/15)

(2) <y> é considerado como adereço desnecessário e reflexo de falta de ‘cultura’: apenas admissível quando figura no original importado:

«Eu acho muito enfeite de natal. exagerado sem necessidade». (jéssylorenna 30/01/15)

«Está fora de moda pq é BREGA!! imagem total de falta de cultura dos pais». (MicaMamae 30/01/15)

«Y apenas é bom apenas qndo é a escrita original do nome, como Yasmim, Nancy. De resto, qndo é usado pra estropiar, é brega até a última gota» (Petra Padawan 31/01/15)

(3) <y> é considerado como feio, impróprio para crianças, mas a A. do comentário usou em animais, para diferenciar de um nome de um familiar:

«Realmente aqui no Brasil a maioria dos nomes contendo "y" estão estropiados e são muito feios aos meus olhos, poucos se salvam. Por coincidência minhas três gatinhas tem "y" no nome - um é inglês e os outros dois japoneses -, acho todos bonitos mas não os colocaria na minha filha.» [...] «Zoey, Yumi e Saya :D Foram todos inspirados por seriados/desenhos que eu via, sem falar que o "y" de Zoey serviu pra diferencia do nome da minha bisavó». (BellatrixLestrage 30/01/15)

(4) <y> é considerado bonito, prestigante e diferenciador:

«Acho o y um charme, é bom saber que está fora de moda, pois minha filha não vai ter o nome igual a todo mundo, e ser diferenciada na escola pelo sobrenome ansiosa pra te conhecer princesinhaaaa». (mynjordanna93 30/01/15)

«Minha filha não vai ser mais ou menos burra que ninguém por causa de um simples y no nome.....conheço muitas anas e marias que mal sabem escrever o nome.....ela vai ter inteligência suficiente para explicar que seu nome é diferenciado do resto do mundo, pq ela vai ser diferenciada do resto do mundo.....vai ser a minha.....e aos olhos de Deus vai ser igual a todos!!!!». (mynjordanna93 31/01/15)

Considerações finais

Na antroponímia brasileira, os nomes em <y>, no seu interior, ou no seu final, ganharam proeminência, no século passado, tanto mais significativa quanto durante largas décadas as convenções ortográficas vigentes no Brasil não defendiam a presença de tal grafema na língua, a não ser em palavras importadas que, na língua-mãe, já o ostentavam. São diversas as motivações que estarão na base da adoção de <y> no interior ou no final do nome, avultando entre elas a intenção de diferenciar a configuração do nome face aos demais, uma vez que a adoção de <y> o torna mais ‘internacional’, já que em algumas línguas de circulação mundial ele está presente. Na antroponímia de Portugal (Rio-Torto; Rodrigues 2016) este padrão antroponímico não tem qualquer expressão.

No interior de palavra, a presença de <y> decorre de uma substituição de <i>. No final de palavras, a sua ocorrência levanta questões de natureza morfológica, que se prendem com a eventual proximidade de <y> com o sufixo -y presente na língua inglesa.

A análise dos dados (prenomes) extraídos do censo2010.ibge.gov.br conduzem-nos às seguintes observações.

Os antropónimos brasileiros cuja fronteira direita é preenchida com <y> são maioritariamente e mais recentes que os homólogos em <i> ou em <e> final pronunciado [i].

Os antropónimos brasileiros cuja fronteira direita é preenchida com <y> estão bem menos representados que os homólogos em <i> ou em <e> finais.

Há, todavia, exceções. São criações mais populares que a homóloga em <i> *Isabelly* (809º lugar) face a *Isabelli* (1.368º lugar), *Renaly* (7441º (FEM)) face a *Renale* (14.094º (FEM)). O facto de a popularidade de *Isabelly* (809º lugar) estar próxima da de *Isabelle* (560º Lugar), atesta o prestígio que <y> carrega para os falantes que o adotam nos nomes de descendentes.

Os padrões de ocorrência de <y> não são os de adjunção de um sufixo, com valor idêntico ao que vigora na língua inglesa, mas de substituição de uma Vogal Temática, <i> (*Danieli, Isabelli*) ou <e>, no Brasil tipicamente pronunciada como [i] (*Daniele, Danielle, Isabelle, Renale*), por <y>, sem estatuto de sufixo hipocorístico-diminutivo, idêntico ao que possui originariamente no inglês.

Esta nova configuração pode evoluir no sentido de a Vogal Temática /i/ adquirir uma nova configuração, <y>, ou no sentido de a língua vir a dispor de uma nova vogal temática (<y>), presente nas construções antropónimicas. As circunstâncias sociológicas que rodeiam o seu uso ditarão qual o sentido da prevalência estatutária de <y>. Para já, continua operante em nomes maioritariamente mais recentes e inovadores, considerados distintivos, e como tal, prestigiosos, para as classes socioculturais que os adotam, e que são predominantemente as menos diferenciadas. Todavia, começa a fazer-se sentir algum criticismo no sentido de desvalorizar esta configuração, pelo que os estudiosos terão de aguardar para observar qual o rumo que os utentes dão à língua.

Referências bibliográficas

- ADAMS, Valerie. **An Introduction to Modern English Word-Formation** (1st ed.). London: Routledge, 1997.
- Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, projeto Imigrantes Espírito Santo <https://imigrantes.es.gov.br/html/historico.html>. Acesso 21 mar 2022.
- BRASIL, IBGE. NOMES NO BRASIL. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>. Acesso em 9 mar 2022.
- CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário de tupi (antigo)-português**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. 2. ed. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Melhoramentos, 1982 [1978].
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. São Paulo, Editora Ave Maria, 1973 (2.a edição revista e ampliada) [1949].
- LIEBER, Rochelle (2005). English Word-Formation Processes. In: ŠTEKAUER, Pavol; LIEBER, Rochelle (eds) **Handbook of Word-Formation**. Springer, Dordrecht, 2005, p. 375–427.
- PLAG, Ingo. **Word-formation in English**. Cambridge, Cambridge University Press. 2003.
- RIO-TORTO, Graça; Rodrigues, Alexandra. Formação de adjetivos. RIO-TORTO, G. (ed.), Alexandra Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira, Sílvia Ribeiro (2016), **Gramática derivacional do português**. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2016, p. 241-296.
- SOLEDADE, Juliana. Recuperando a história do léxico antroponímico brasileiro. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, 6 (3), p. 465-483, 2020.
- SOLEDADE, Juliana. **Os brasileiros e seus nomes: Aspectos teóricos e sócio históricos da antroponímia no Brasil**. Tese apresentada como pré-requisito para progressão funcional ao nível de professor titular do Instituto de Letras na Universidade Federal da Bahia, 2022.
- SOUZA, Josy Maria Alves de; PRADO, Natália Cristine. Formação e estilização ortográfica de nomes sociais de pessoas transgêneros: questões de identidade linguística e de gênero. **Domínios de Lingu@gem** (Uberlândia) vol. 15, n. 3, p. 637- 677, 2021.
- VASCONCELOS, José Leite de. **Antroponímia portuguesa**. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1928.
- VIANA, Aniceto R. Gonçalves, **Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora de Lisboa, 1909.